

## Saudades da Terra

"Uns olhos que me olharam com demora,  
não sei se por amor se caridade,  
fizeram me pensar na morte, e na saudade  
que eu sentiria se morresse agora.

E pensei que da vida não teria  
nem saudade nem pena de a perder,  
mas que em meus olhos mortos guardaria  
certas imagens do que pude ver.

Gostei muito da luz. Gostei de vê-la  
de todas as maneiras,  
da luz do pirilampo à fria luz da estrela,  
do fogo dos incêndios à chama das fogueiras.  
Gostei muito de a ver quando cintila  
na face de um cristal,  
quando trespassa, em lâmina tranquila,  
a poeirenta névoa de um pinhal,  
quando salta, nas águas, em contorções de cobra,  
desfeita em pedrarias de lapidado ceptro,  
quando incide num prisma e se desdobra  
nas sete cores do espectro.

Também gostei do mar. Gostei de vê-lo em fúria  
quando galga lambendo o dorso dos navios,  
quando afaga em blandícias de cândida luxúria  
a pele morna da areia toda eriçada de calafrios.

E também gostei muito do Jardim da Estrela  
com os velhos sentados nos bancos ao sol  
e a mãe da pequenita a aconchegar-la no carrinho e a adormecer-la  
e as meninas a correrem atrás das pombas e os meninos a jogarem ao futebol.

À porta do Jardim, no inverno, ao entardecer,  
à hora em que as árvores começam a tomar formas estranhas,  
gostei muito de ver  
erguer-se a névoa azul do fumo das castanhas.

Também gostei de ver, na rua, os pares de namorados  
que se julgam sozinhos no meio de toda a gente,  
e se amam com os dedos aflitos, entrecruzados,  
de olhos postos nos olhos, angustiadamente.

E gostei de ver as laranjas em montes, nos mercados,  
e as mulheres a depenarem galinhas e a proferirem palavras grosseiras,  
e os homens a aguentarem e a travarem os grandes camiões pesados,  
e os gatos a miarem e a roçarem-se nas pernas das peixeiras.

Mas... saudade, saudade propriamente,  
essa tenaz que aperta o coração

e deixa na garganta um travo adstringente,  
essa, não.

Saudade, se a tivesse, só de Aquela  
que nas flores se anunciou,  
se uma saudade alguém pudesse tê-la  
do que não se passou.  
De Aquela que morreu antes de eu ter nascido,  
ou estará por nascer — quem sabe? — ou talvez ande  
nalgum atalho deste mundo grande  
para lá dos confins do horizonte perdido.

Triste de quem não tem,  
na hora que se esfuma,  
saudades de ninguém  
nem de coisa nenhuma."

António Gedeão, in Máquina de Fogo